

# SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XI, Nº 08 – 2007, AGOSTO  
Assinatura até Dezembro de 2007: 4 selos postais de 1ª Porte Nacional  
Não-comercial (R\$ 0,60) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Tome porre de Contos e Poesias!

www.haicu.sf.nom.br

Por donde abunda la malva y da el camino un rodeo, iba un ángel de paseo con una cabeza calva. Del castañar por la zona la pareja se perdía: la calva resplandecía lo mismo que una corona.

Sonaba el hacha en lo espeso y cruzó un ave volando: pero no se sabe cuándo se dieron el primer beso. Era rubio el ángel: era el de la calva radiosa, como el tronco a que amorosa se prende la enredadera.

José Julián Martí 1853-1895, Versos Sencillos, Canto XIII;  
José Martí Poesía Completa, Tomo I,  
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Aceitarás o amor como eu o encaro?...  
...Azul bem leve, um nimbo, suavemente guarda-te a imagem, como um anteparo contra estas móveis de banal presente. Tudo o que há de melhor e de mais raro vive em teu corpo nu de adolescente, a perna assim jogada e o braço, o claro olhar preso no meu, perdidamente.

Não exijas mais nada. Não desejo também mais nada, só te olhar, enquanto a realidade é simples, e isto apenas. Que grandeza... A evasão total do pejo que nasce das imperfeições. O encanto que nasce das adorações serenas.

Mário de Andrade, Soneto (Dezembro de 1937)

De tudo, ao meu amor serei atento antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto que mesmo em face do maior encanto dele se encante mais meu pensamento. Quero vivê-lo em cada vão momento e em seu louvor hei de espalhar meu canto e rir meu riso e derramar meu pranto ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure quem sabe a morte, angústia de quem vive quem sabe a solidão, fim de quem ama eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama mas que seja infinito enquanto dure.

Vinicius de Moraes, Soneto da Fidelidade

Jangadas amarelas, azuis, brancas, logo invadem o verde mar bravio, o mesmo que Iracema, em arrepio, senti banhar de sonho as suas ancas. Que importa a lenda, ao longe, na história, se elas cruzam, ligeiras, nesse instante, o horizonte esticado da memória, tornando o que se vê mito incessante?

As velas vão e voltam, incontidas, sobre as ondas (do tempo). O jangadeiro repete antigos gestos de outras vidas feitas de sal e sonho verdadeiro.

Qual Ulisses, buscando, repentino, a sua ilha, o seu rosto e o seu destino.

Adriano Espínola, O Jangadeiro

Os Cem Melhores Poemas Brasileiros do Século, Italo Moriconi, 2001;  
Editora Objetiva Ltda., Rua Cosme Velho 103, 22241-090 – Rio de Janeiro, RJ: (0 21) 2556-7824, www.objetiva.com.br

Quem quiser ganhar o mundo conquistando-o por inteiro, faça um esforço profundo de domar, a si, primeiro.

Aloysio Alfredo Silva, 9704  
II Prêmio Menestrel da Trova  
UBT – Seção Juiz de Fora

Bendigo quem, com ternura, desvenda em braile, os segredos, para que faça a leitura quem lê com a ponta dos dedos.

Arlindo Tadeu Hagen, 0707  
O Patusco, Caixa Postal 95  
61600-000 – Caucaia, CE

Paz! Amor! Felicidade! Palavras tão usuais, que seriam, na verdade, mais bonitas, se reais.

Luiz Antonio Cardoso, 0707  
Folha do Trovador  
ubtroseira@gmail.com

Trilhando rumos incertos, segue o Homem sobre a terra, buscando água em desertos, trocando o amor pela guerra...

Marisa Vieira Oliveira, 0705 Troversul  
Rua Luiz Antunes 312, Panazzolo  
95080-000 – Caxias do Sul, RS

Toda beleza fenece na mulher como na flor, mas a mãe, jamais perece na eternidade do amor!

Miguel P. Cione, J. 24.12.06,  
0706 Koisalinda (0 16) 3636-6675  
Rua Liberdade 182, CEP14085-250

Que lua de mel aquela! Faltou luz, foi um sufoco: a noiva queria vela, o noivo só tinha um toco...

Wanda de Paula Mourthé, 0707  
Trovalegre, Caixa Postal 181  
73550-000 – Pouso Alegre, MG

É chegado o inverno procura abrigo em meu colo meu velho cãozinho.

Teruko Oda

O mar de inverno... Sobre a fúria incontida impassível lua!

Teruko Oda

A negra fumaça do crematório distante em meio à nevasca...

Teruko Oda

Frieza no ar... A fumaça dos barracos as nuvens do morro.

Teruko Oda

Solidão do cão: nem a sombra o acompanha nesta tarde fria...

Teruko Oda

Canteiro sem flores a borboleta de inverno segue sem parar.

Teruko Oda

No horizonte claro primavera se aproxima: o vôo do pássaro.

Teruko Oda

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

## TEMAS DA SAZÃO INVERNAL – QUIDAIS DE INVERNO

Salgueiro sem folha... Cordas secas balançam.

Alice Zocchio

Coroa de flores. Soldado desconhecido... Dia do Soldado.

Anita Thomaz Folmann

Zabumba tocando, a marujada vem vindo. Dia do Folclore.

Cecy Tupinambá Ulhôa

Inda estava claro, a tarde foi engolida. Névoa de inverno.

Fernando Vasconcelos

Pequeno tragal, alguns brotinhos de trigo, outros despontando.

João Batista Serra

Penas de náilon tinta guache no rosto. Dia do Folclore.

Larissa Lacerda Menendez

Pelo descampado, somente pó, nenhum verde. Árvore desnuda.

Manoel F. Menendez

## HAICUS EM FOLHA

Golas no pescoço, passarinhos encolhidos na noite de inverno. T

Alba Christina

Na noite de inverno, toques leves na vidraça. A neve cai mansa... C

Amália Marie Gerda

Só mãos e chapéus, lembra gueixas do Japão. Beleza nos campos. O

Angélica Villela Santos

Boiando na taça flor de chá, de jasmim, na tarde chuvosa... O

Amália Marie Gerda

Balaios repletos na colheita de café. Grãos avermelhados. A

Amauri do Amaral Campos

Trapos na calçada por sobre um papelão. Noite de inverno. G

Amauri do Amaral Campos

Alva flor de chá clareia a plantação. Ao sol que se põe. T

Amauri do Amaral Campos

Sob um cobertor um gato dorme tranqüilo. É noite de inverno. D

Analice Feitoza de Lima

Frutinhas vermelhas. Na colheita do café peneiras se enchendo. G

Analice Feitoza de Lima

Flor de chá, mimosa, cobre os campos de vermelho. Tempo de colheita. G

Darly O. Barros

Peneiras nas mãos, em meio ao verde e ao vermelho. Colheita de café. T

Angélica Villela Santos

Névoa. Ar gelado. Casacos passam na rua. É noite de inverno. T

Angélica Villela Santos

Dormindo num canto, mendigo treme de frio. É noite de inverno. G

Argemira F. Marcondes

Garoa caindo na rua toda deserta, na noite de inverno. G

Argemira F. Marcondes

O branco das flores alegria a paisagem. Flores de chá. O

Cecy Tupinambá Ulhôa

Penumbra na sala. Noite de inverno aquecida. Achas na lareira. D

Darly O. Barros

Maduro o café, cobre os campos de vermelho. Tempo de colheita. G

Darly O. Barros

Branças pinceladas: flor de chá na cerca-viva, no bule, a infusão... T

Darly O. Barros

Noite de inverno. Na caverna um guaxinim se enrola na cauda. O

Denise Cataldi

Em noite de inverno, caminhando ao deus-dará. Um ser solitário. G

Flávio Ferreira da Silva

Sacas de grãos, cheias! na rua toda deserta. Catador feliz. T

Irai Verdian

Noite de inverno. Paira nos montes e no ar, um manto de frio. T

Irai Verdian

Noite de inverno, cerração cobre a cidade. As ruas vazias. D

Mª Marlene N. Teixeira Pinto

Um lavrador planta a flor de chá no canteiro. Afofando a terra. T

Mª Marlene N. Teixeira Pinto

Festa na fazenda, na colheita de café. Cestas empilhadas. T

Mª Marlene N. Teixeira Pinto

Família e amigos na cozinha em boa prosa. Noite de inverno. G

Nadyr Leme Ganzert

Na noite de inverno, o crepitar da lareira rasga a escuridão. B

Renata Paccola

Tênuas alvuras entreteimam verde mar: as flores de chá! O

Shinobu Saiki

## SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.08.07, quigos à escolha Dia da República, Flor de abricó, Pandorga.

Remeter até 30.09.07, quigos à escolha Rainha-da-noite, Melancia, Papai Noel.

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

ou

mfmendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À MODA OCIDENTAL E TREVOS PERSONAGEM

Dia do Folclore lendas populares, crenças, saci... boitatá... Agostinho José de Souza	Salgueiro sem folhas todas as lágrimas derramadas. Alice Zocchio	Ao vento cortante, minhas rosas, no jardim, tiritam de frio... Elen de Novais Felix	À mesa o frescor não sei se como ou enfeita linda couve-flor. Fernando L. A. Soares	Só doridas lágrimas molham o chão retorcido. Triste Rio Seco. Fernando Vasconcelos	Na velha capela o sino bate mais forte: é Dia do Padre? Héron Patrício	Dia do Estudante! Revolta geral da turba... Os caras-pintadas Humberto Del Maestro
Névoa de inverno emoldura e cedo chama logo vai, espaço aberto. Manoel Am <sup>o</sup> do Nascimento Jr.	Tempo de lembrar um velho e querido amigo no Dia dos Pais. Maria Madalena Ferreira	Brasil de amanhã! Nas escolas a festança. Dia do Estudante. Nadyr Leme Ganzert	Rezam os fiéis pais-nossos e ave-marias no Dia do Padre. Roberto Resende Vilela	Ritos conjugais no aconchego abrasador: ah, noite de inverno! Shinobu Saiki	Que frio gostoso, ...eta noite enluarada! melhor só quantão. Suely da Silva Mendonça	Cortina de neve esconde pinheiros verdes. Verdes. Sempre verdes. Walma da Costa Barros

Esta mujer menuda que me habla ya vieja y arrugada con ojos muy cansados con aire de hormigueta de fábula hace cuarenta y tres años que me habla y me cuenta de sus plantas y su perro de sus vecinos y de sus peleas y me va diciendo entre todas las cosas de una cierta sabiduría para entender al mundo que yo no tengo.	de igual modo por vivos y por muertos. Intacta su memoria. Perfecta su sonrisa. Hace unos días me dijo: estoy pisando los escalones últimos. De niño me supo quitar de la boca un alfiler. Al despedirse, como todas las veces agitando su mano me reprende: volví pronto y cuidate. Y no te desabrigues.	...Y así habló Dulcinea: "Señor que me creaste, que cobré realidad en la estatura de tu sueño, porque yo no me muera, Señor, te ruego que no mueras." ...Y respondió el Caballero: "Señora de mis altos pensamientos, ha sido duro inventaros y daros vida cada día. Hay que saber soñar y aprender a ser soñado. Yo debo ir y voy hacia la muerte. Volved a vuestra aldea". También yo he muerto a la medida de tus muertes. Tú mueres a la medida de mi olvido.	I II III	Esta es el agua mansísima del río adonde bajan a beber las vacas en medio del humo vertical del mediodía. El silencio es redondo como el musgo. A veces lo rasga alborotado el empinado verdor de la alegría. Esas vacas vinieron ayer y volverán mañana. La misma agua idéntica la greda los juncals creciendo en su pereza. La corriente con ondas no conoce la espuma el molinillo ni la ola. Es un arroyo campesino sin cascadas ni rápidos ni deltas. No conocerá el mar. No sabe de afluentes de botes ni veleros. Pero es el dueño erguido de toda su victoria con esta agua que es el agua del bautismo de la primer mañana conocedora de todas sus orillas y todas sus honduras donde cada mañana bajan a pacer los unicornios y a la tarde los peces irán a desovar.
Hace setenta años que trabaja y setenta años hace que forcejea con la vida. Es callada. Es lúcida. Es triste. Esta mujer – algo de raíz y de indio le andan por la piel y la sangre – esta mujer – digo – que no se queja pero está cansada con un cansancio unánime que nos abarca a todos e inunda esquinas y rincones enseña todavía la dignidad de su esperanza porque todos – como ella – cansados aún esperamos la cuota que nos debe la vida.  <i>Esta Mujer</i> , de El Aire Sosegado, 1989	Te siento en mí como en el vuelo el aire como en el fuego el vuelo como en la roca el fuego como en el mar la roca te siento en mí cuando la abeja cuando dora en su zumbido la siesta del verano como en la palpitante pulpa del tomate el rojo como si en la caricia descubriera tu piel desde el lado de adentro te siento en mí en la ecuación perfecta del pino y de la tarde cuando sube la música escondida desde la antigua raíz hasta la abierta rama.	<i>Mitología</i> , de La Casa de La Piedra Negra, 1983  La última expresión del amor es el olvido el fin de la palabra es el silencio.  <i>La Palabra</i> , de La Casa de La Piedra Negra, 1983  Ambigua sustancia la del tiempo. La de los recuerdos. La de los objetos. Con el uso pierde su primitiva consistencia; el tejido se va abriendo se tornan fibrosos flotan como medusas se confunden unos con otros se vuelven una masa informe. Difícil tarea recordar. Nadie conoce a nadie. Máscaras.  <i>El Espacio de Las Máscaras</i> , de La Casa de La Piedra Negra, 1983		
Hace casi veinte años le escribí un poema. Cuando se lo leí lloramos ambos. Tenía 70 años entonces. Se apoya hoy en un bastón y es una curva apenas neblinosa su esqueleto. Sorda total. No se le entiende casi lo que dice. Siempre está enferma. Perdió todos sus dientes y no resiste prótesis alguna. Pregunta	<i>Ecuación</i> , de Ejercicio de Amar, 1991			<i>Agua</i> , de Alfa y Omega, 1996

Jorge Arbelche, El Bosque de Las Cosas – Antología 1968-2006, 1ª Edición, ejemplar 142, 2006 – jarbelche2@yahoo.com  
 Librería Linardi y Riso, Juan Carlos Gómez 1435, Montevideo, Uruguay – libros@linardiyriso.com, www.linardiyriso.com  
 Gentileza de Látvia Lacerda Menendez

Minha terra é bem distante, tão longe é a minha cidade, mas chego lá num instante, levado pela saudade.	Já vai alta a madrugada, não há mais ninguém na sala, e eu sonho ouvir minha amada, mas é a saudade quem fala...	Num canto de minha sala teu retrato é, na verdade, a imagem que mais me fala no silêncio da saudade.	Sinto um cheiro de jasmim na pracinha da cidade, e tu chegas junto a mim pelo aroma da saudade.	Visitei minha cidade, como filho e velho amigo, mas voltei com mais saudade, pois eu trouxe outras comigo!	Há muita chuva lá fora e aqui dentro estou chorando: o meu amor foi embora e a saudade está chegando.
Eis um desafio meu que reflete uma verdade: quem, por amor, não sofreu, ou nunca teve saudade?...	Dor da ausência de um amor, dor no peito, dor pungente, saudade é, talvez, a dor que dói mais dentro da gente!	Vivo muito bem aqui e nunca me encontro a sós... mas, se me lembro de ti, tenho saudade de nós!	A saudade é tão esperta, e, às vezes, é muito ousada: se encontrar a porta aberta, entra... sem ser convidada...	O tempo aumentou-me a idade e não ouviu meus apelos: pintou de roxo a saudade e de branco os meus cabelos...	As lembranças que me ocorrem, chegam com minhas saudades; minhas saudades não morrem e tem diversas idades.

Edmilson Ferreira Macedo, de A Saudade em Minhas Trovas, 2005 – Correspondência: Rua Dr. Plínio de Moraes 494, Cidade Nova, 31170-170 – Belo Horizonte, MG; Contato: (0\*31) 3484-5499

Não te cases com mulher entendida de finança. Não te deixará, sequer, passar a mão na poupança!	Dizem que a baleia come unicamente sardinha! – E ela quando está com fome de que modo abre a latinha?!	<i>Os...mar</i> não será letrado! Seu nome atesta ignorância! O cara foi batizado com falta de concordância!	– Roubando televisor... que vergonha... nessa idade! – Mas, no meu tempo, doutor, não tinha essa novidade...	Sempre foi franga avoadada e agora está mais travessa! De tanto levar bicada só tem galo na cabeça!	A abelha até que se acabe não pára pra descansar! Nem <i>fazer cera</i> não sabe... – logo pega a trabalhar!
Se a pinga é mesmo fraqueza, adoro viver fraquinho! e pra aumentar a moleza me bota mais um braguinho!	Viúva que o choro adora é como a verdade madeira! Não deve, às vezes demora, mas logo cai na fogueira!	No meu tempo era pecado no namoro dar-se a mão! Hoje, qualquer namorado é caso de excomunhão!	Somou e multiplicou mas a morte o subtrai! Depois que os pés ajuntou a família dividiu!	Não cedo livro emprestado! Não o devolve, ninguém! – Estes que eu tenho guardado pedi emprestado também!	Faz pensar a magnitude desta popular sentença: – “ <i>Pior coisa pra saúde é uma terrível doença</i> ”!
Não vai pra cabeça a pinga... nas pernas é o seu lugar... Elas trançam, você ginga, fica que nem pode andar!	Já chega deste pregão! O boteco é meu lugar... Se a pinga for perdição, favor não me procurar!!!	Do amor que o mundo apregoa o pinto também carece! pois quando a galinha é boa depressa o pinto cresce!	Se estão descendo o decote, se as saias subindo estão, quero ver de camarote quando os dois se encontrarem!	Muito avançado o patrão, entendido de finança, levou baita pescção passando a mão na poupança!	Um lado bom, sem paixão, em todos procoo ver! Mas mulata é exceção... – os dois tu quiseste ter!
Papai Noel, bom velhinho, das crianças o folguedo, não tem filhos, coitadinho... – o seu saco é de brinquedo!	A panela velha faz, dizem, a comida boa! – Ah! mas a nova é zás-trás... ferve logo, à toa, à toa!	Entre o lago e o forno alinho esta única relação: – é que no lago <i>há sapinho</i> e no forno <i>só assa pão!</i>	Naquela manhã, no hospício, houve incomum alarido. – Junto do lixo do edifício estava um doído varrido!	Grávida e bolo queimado... – coisas de principiantes! Tudo seria evitado... – bastava ter tirado antes!	Menina, o teu rebolado será risonho perigo? Será divino pecado? – Não! É bendito castigo!
Tudo se enche de alegria, ao teu redor, quando passas! Pareces a Ave-Maria... – assim, tão cheia de graças!	Oh! mundo invejoso e louco, de tanta ironia e espantos! Meu sorriso leve e pouco provoca tristeza a tantos!	O pileque faz das suas! Pra mim, porre nunca mais! – Minha sogra virou duas... castigo assim é demais!	Menina, dou-te o que exiges e mais darei se quiseres! Mas com teus dengos me afliges... – não é mole o que tu queres!	O fio dental e a grade fizeram combinação: – cercar a propriedade e deixar livre a visão!	Casamento é pura sorte! – o povão vive a afirmar! discordo dessa coorte! Ora, o meu foi puro azar!

Josué de Vargas Ferreira, Trovas de Graça, 2006 – UBT Ribeirão Preto, SP – AFABB, RP – Endereço do Autor: Rua Quintino Bocaiuva 51, Apto. 41, CEP 14015-160 – Ribeirão Preto, SP